

I

Bebemos mais um copo: o oitavo ou o décimo, não sei bem. A *Lanterna* é o melhor bar da praia — e o mais caro, diga-se de passagem —, aquele onde é possível saborear uma fatia de esparto fumado como esta, na companhia do mais glorioso vinho do mundo, vinho de regiões arenosas, gelado e seco, e com um calor certo¹ e comedido a prolongar-se de taça para taça.²

— Este ano — diz o dono do bar — estamos reduzidos a meia centena de turistas. O resto é o que se vê.

Aponta lá para fora, para isso que se vê: os banhistas que desfilam ao sol, no largo, as vivendas de cimento, o asfalto abrasado, os jovens conquistadores de praia estendidos nas esplanadas, assistindo ao correr dos dias, desinteressados.

— É a morte — concorda o jornalista que bebe comigo e com o barman. — São as pessoas a devorarem-se a elas mesmas. Voltadas para o umbigo. Isso tem um nome: autofagia.

O barman pisca-me o olho disfarçadamente:

— Este teu amigo fala como um reformado. Que idade tem você?

— Trinta e nove — responde o jornalista. — Mas, pode dizê-lo, pertencço à geração reformada de 45. Verdade! Todos nós fomos reformados, sem nunca termos entrado na guerra.

Fresco e impecável, o barman, está do outro lado do balcão com um sorriso divertido. Bebe e fuma com modos repousados, e entretanto contempla do alto da sua serenidade o jornalista atormentado. Esse homem que ali tem sacode a cabeça diante duma taça de vinho, estrebucha e fala dos seus sonhos frustrados.

— Viciámo-nos. Agora temos a Censura a escrever por nós. E amanhã? Quem sabe escrever amanhã, quando a Censura acabar?

Cala-se. Depois espalma a mão diante dos olhos, mirando-a com raiva, quase com espanto:

— A minha mão medrosa — anuncia. Volta-a e torna a voltá-la, como se a não reconhecesse, como se a denunciasses em público.

— Está viciada, amigos, escreve com medo... Não há dinheiro no mundo que pague uma desgraça destas. Dinheiro nenhum. Nenhum, nenhum, nenhum, nenhum, nenhum...

— Acredito — diz o dono do bar. E virando-se para mim: — E tu? Não falas, não contas nada?

II

— Velho lavagante — respondo eu. E ele compreende e sorri. (Dias antes tinha-lhe perguntado: “Sabes alguma coisa da vida dos lavagantes?” “Para mim”, dissera ele, “um lavagante é um crustáceo primitivo, sem grandes requintes na cozinha. É mais saboroso que a lagosta e parece que mais selvagem porque não se adapta tão bem aos viveiros. Julgo que é tudo.”)

Então expliquei-lhe que o lavagante é principalmente um animal de tenebrosa memória, paciente e obstinado, e terrível nos seus desígnios. Contei-lhe como ele serve o safio que está nas tocas submersas levando-lhe comida a todas as horas, e como a sua existência anda presa a essa serpente estúpida de grandes sonhos, vendo-a engordar, engordar, até saber que a tem bloqueada, incapaz de sair do buraco porque o corpo cresceu de mais, enovelou-se, e não cabe na abertura por onde podia libertar-se. “Nesse momento, fica sabendo, o lavagante servil aparece à boca da toca do safio mas já não traz comida. Vem de garras afiadas devorar o grande prisioneiro que alimentou durante tanto tempo.”)

Mas agora, enquanto o barman abre outra garrafa e continua a sorrir, pensando evidentemente na minha resposta, um casal apeia-se dum *Mercedes 190* e entra no bar. O cavalheiro calça sandálias de sola de pau e tem o cabelo grisalho cortado rente.

Pousa a mão no ombro do criado e encomenda provisões em voz alta: lagosta, cerveja, espargos. E iogurte:

— Um boião dos grandes.

Sacudido por essa voz autoritária, o jornalista rodou molemente no banco e achou-se frente a frente com o homem e com a jovem que o acompanhava. Mas pela rapidez com que se virou para o copo, tanto eu como o barman percebemos que aquela aparição o tinha transtornado, que o álcool que lhe girava no corpo se abria de meio a meio e que um fio gelado singrava velozmente entre essas margens de calor e lassidão. Percebemos isso pela cegueira com que mergulhou na bebida, sem olhar dali em diante fosse para onde fosse, e pela prontidão com que a rapariga desviou o olhar.

Mas o cavalheiro do *Mercedes* chamou-a. Segurava e segura ainda a lagosta com dois dedos como fazem os apreciadores. Escolheu uma, outra e depois outra para lhe ensinar a maneira de as conhecer; se são lagostas fêmeas ou machos, e se estão frescas, verificando-as pela cor e pela dureza das articulações entre os anéis.

Durante este tempo a jovem manteve-se de cabeça levantada, sem olhar para mim nem para o jornalista que está comigo. Também não se chegou demasiado ao companheiro, mostrando intimidade, como fazem as mulheres quando pretendem afugentar qualquer presença inesperada, qualquer recordação. Não. Permaneceu um tanto distante, ajeitando o cabelo (que era curto e lhe deixava à vista toda a longa linha do pescoço que se libertava do camisolão largo). Tinha, notei eu, um rosto soberano, fresco e soberano, e quase frio; e os olhos pintados, só os olhos.

E saíram. Ela à frente, o cavalheiro, baixo e curvado, a seguir, e atrás o criado carregando os mantimentos.

— Cabra — rosna o jornalista, entre dentes.

Mas eu tenho um pressentimento, volto-me para a porta. Enquanto o criado e o homem do *Mercedes* arrumam as coisas no

carro, a jovem, entre as mesas da esplanada, fita-nos muito séria, com os seus belos olhos tranquilos. Passa de mão para mão a lata dos espargos, lembra uma criança entretida a provocar de longe.

— Cabra, grandessíssima cabra... — O meu companheiro torce-se todo, agarrado à bebida com as mãos. De repente, suspende-se, muito tenso. — Sabes quem é? — pergunta-me.

— Não faço ideia.

O jornalista lança um sorriso triste e pronuncia uma palavra: Cecília.

— Cecília?

— Sim, a moça que andava com o Daniel. Ele nunca te falou nela?

Intrigado, o dono do bar olha-nos, ora a mim, ora ao outro.

— Daniel quê? — pergunta.

— Daniel Lobo. Não conheces, é um médico nosso amigo que está preso.

O barman cala-se. E eu penso num nome, “Cecília”, e num amigo prisioneiro, ferido pelas costas no seu orgulho. “Cabra, mil vezes cabra”, continua aqui ao lado o jornalista em desespero. Ouço-o vagamente falar de Selaviza, o cavalheiro do *Mercedes* e dos limites da dignidade no amor, dessa espécie de acordo que se firma até mesmo entre a prostituta e o cliente, acordo em suma de diversos graus e de diversos significados. “Cabra! E logo com um fascista daqueles! Grandessíssima cabra!”

Em cima do balcão, o barman prepara pedaços de pão torrado cobertos de pasta de fígado. Pasta de fígado e anchovas, o melhor petisco para abrir uma bebedeira às sete e meia da tarde, hora local, depois duma revelação dolorosa. Quais as combinações (graduais) que vão seguir-se?, pergunto comigo mesmo; e respondo: tinto velho e em copo morno, se possível. *Quando o sol baixa ao mastro de ré, vinho velho e recordações.* Toda a gente sabe isto.

— Respeito — clama o jornalista em desespero, numa voz branca e igual. Tropeça nas palavras, resmunga insultos à mulher-cabra e ao engenheiro-sapo, repete a crónica popular desse homem que eu, o barman e a cidade conhecemos há muito tempo. Mas não o interrompemos, vemo-lo como uma jangada em destroços a boiar num mar de vinho e, em silêncio, relembramos o Sapo, o cavalheiro de negra crónica. Temos presentes as suas ameaças aos microfones nas épocas das eleições e as rusgas que o tornaram célebre. E o homem transforma-se num grito, num eco de terror passado nos cafés, de mesa em mesa, ou bradando de braços erguidos pelas ruas amotinadas: “Engenheiro Sapo! Lá vem o bando do Sapo!”

Pode reduzir-se um homem a um grito?, é esta a pergunta que faço, ouvindo os lamentos do jornalista nosso companheiro.

Mas de surpresa, vejo-o saltar do banco e fugir porta fora. Corro atrás dele e apanho-o agarrado ao poste da paragem dos autocarros, de cabeça pendida, pesado e mole como um saco.

“Vou vomitar”, sussurra.

Fico à espera. Passa-se o tempo e o ar fresco do entardecer afaga-lhe a pele e alivia-lhe o peito. E eu, junto daquele homem vencido olhando a porta da *Lanterna* e os jovens desocupados estendidos nas esplanadas, sonho com qualquer coisa consoladora, com um vinho velho de reflexos acastanhados, um desses vinhos tintos que escorrem devagar, que têm a macieza discreta dos anos e nos abençoam por dentro, como diziam os antigos.

Hei-de ir bebê-lo daqui a nada. *Quando o sol baixa ao mastro de ré... etc., etc., etc.*

III

Isto aconteceu, salvo erro, num sábado. Na sexta-feira seguinte recebia um postal de Daniel a dizer-me que vinha passar o fim-de-semana a minha casa. Estava em liberdade há dois dias e precisava de sol, muito sol. Depois me contaria.

“Daniel”, pensei em voz alta. E não consegui dizer mais do que isso: “Daniel”.

Então lembrei-me das raras conversas com o dono do bar *Lanterna*, a propósito do meu amigo prisioneiro, e dessa tarde assinalada pela presença da rapariga que nos fitou, como num aviso, à porta do bar. Lembrei-me das previsões que fizemos sobre o regresso de Daniel, e sobre o desfecho da sua aventura, e das mil razões que podem levar um homem de muitas mulheres, como ele, a receber um golpe calculado no mais sensível ponto de si mesmo, através dum instrumento tão directo e tão certo como o Sapo, o carrasco de negra crónica.

— A vingança está à vista — resumia o dono do bar. — O teu amigo quis catequizar a rapariga e o tiro saiu-lhe pela culatra. No fim de contas, é a velha costela de Pigmaleão que todos nós temos...

E certa vez acrescentou ainda:

— Se formos a ver bem, talvez o Pigmaleão tenha qualquer coisa de lavagante. Ele também aperfeiçoava a presa, não é verdade? Também a acomodava aos seus desejos. Talvez fosse uma espécie superior de lavagante... Quem sabe?